NO DIA DA PÁTRIA

(Palestra realizada, a convite especial do "Rotary Clube de Fortaleza", no jantar do "Palece Hotel", a 7 de setembro de 1939.)

HUGO VITOR

Srs.

O momento terrivel que o mundo vive—em que as maiores, mais fortes e poderosas e mais civilizadas nações da Europa se digladiam numa luta titânica de destruição reciproca; em que todas as forças demolidoras se congregam numa *justa* dantesca de catástrofe; em que todas as energias se vitalizam, agindo num impulso unímodo e determinado para a realização da apocalíptica empresa do derrotismo da Paz, do Amor e da Concórdia—desperta em nós, mais do que em qualquer outra emergência, os estos do sentimento afetivo do patriotismo, fazendo vibrar todas as fibras da nossa alma no anseio de afirmar sempre intangivel a idéia de brasilidade, que nos fortalece e edifica.

No anseio de ver «independência e riqueza, unidade e perenidade, origem e sorte, ideal e esperança, lingua e religião, escudo e bandeira, cruz e espada» como vanguardeiros da herança legada pelos nossos maiores, e que deve ser transmitida aos nossos sucessores sem um milímetro, sequer, alienada.

Neste momento trepidante do universo a imagem da Pátria, refletindo a imagem do mundo angustiado, surge nimbada do simbolismo ofuscante de sua glória, na ascenção para a liderança dos Continentes...

E, celebrando, hoje, neste ágape cordial, a magna data da nossa história, ao mesmo tempo que pres-

tamos a filial homenagem do nosso civismo à efeméride brasileira por excelência, damos um palpitante e significativo exemplo de bem compreendida fraternidade, como a apontar aos povos, em geral, que, no enunciado, tão só, desta palavra tão simples, estão á mística dos apóstolos da Harmonia e a equação dos mais transcendentes problemas das rivalidades coletivas.

Não foi outro, no instante crítico, o elo que ligou os pro-homens do Brasil, e os levou à solução patriótica da Independência.

Seria sediço, todavia, que me eu detivesse em explanações históricas, de que a vossa cultura prescinde.

Ademais, na compensação dos efeitos determinantes do concretismo do 7 de setembro de 1822, fora injustiça carregar mais glórias para essa ou aquela entidade, lançar mais à objetiva do julgamento póstero esse ou aquele colaborador, projetar mais no cenário dos acontecimentos pre-efetivos, por exemplo, o vulto inconfundivel de José Bonifácio — a tríade genial dos Andradas, digamos— ou o dinamismo de Gonçalves Ledo; a individualidade egrégia do cônego Januário da Cunha Barbosa ou a estamenha sublimada de Frei Sampiao; o comedimento e a ponderação de José Clemente, ou a impetuosidade escachoante de José Joaquim da Rocha; a crítica elevada e austera de Hipólito da Costa, ou a eloquência persuasiva de Campos Vergueiro; a energía máscula de Diogo Feijó, ou a convincente lógica de Paula Sousa.

Foram todos eles intemeratos e intimoratos paladinos da campanha emancipacionista, e participantes da epopéia do Ipiranga, e os loiros da vitória cabem ao conjunto dos seus esforços, operando sincronicamente, sem disparidade ou solução, no objetivo da finalidade visada.

Desde as revoltas de Vila-Rica e Maranhão, com o sacrifício, esta, de Manuel Beckman, e, aquela, de Felipe dos Santos, émulos de Bernardo Vieira de Melo, o fantasista de Pernambuco, refletidas na tragédia da Inconfidência Mineira; desde as refregas dos *emboabas* e *mascates* e as *entradas* devassado-

ras dos sertões inhóspitos e jamais palmilhados, o Brasil despertou, o Brasil começou a ter consciência de sua vitalidade, sentiu que se operava algo de novo na estrutura do seu potencialismo latente, e, deixando a inoperância, iniciou, altaneiro, pesar dos óbices coloniais de toda sorte, a trajectória da emancipação.

O ouro drenado para a Metrópole era sangue que se lhe extraía às artérias, e impunha-se a reação para estancar a anemia e evitar o esgotamento letal.

A diátese da rebelião chegara à fase culminante.

Novos horizontes foram rasgados à visão percuciente dos patriotas e da alta *élite* pensante, e desde então o Brasil encarou o futuro por outro prisma, abrangente de todas as realidades e possibilidades estáticas adormecidas, que, entanto, consolidadas, em operação, poderiam resultar insuperaveis e decisivas.

Já o reconheceu um português ilustre e emérito professor – o padre Bernardo de Chouzal—que o Brasil conquistou a independência «quando a vitalidade propria lha assegurava».

Certo, o plano ideológico deve ser levado em grande conta na articulação que se vinha produzindo em prol da autonomia. Entretanto, não devemos esquecer a influência de outros fatores preponderantes, sobretudo de ordem socio-econômica, sem os quais a ação e a atuação idealísticas não passariam de mero acidente sem reflexos positivos.

O ato inspirado de Cairú, abrindo os portos brasileiros ao comércio universal, e o sediamento da Corte no Rio, deram ao Brasil a verdadeira noção de nacionalidade, despertaram-lhe a consciência da sua força, robusteceram-lhe os propósitos de ocupar um lugar ao sol, e impulsionaram-lhe o ânimo de conquistar a liberdade sem regatear sacrifícios, para que surgisse aos olhos do mundo—maravilhado de tantas fulgentes e refulgentes grandezas—como país livre, senhor do seu destino, capacitado do seu valor, apto para o exercício da vida política, jurídica, econômica, administrativa, reguladas pelos seus estadistas as suas relações do *Jus Gentis*. Isso não passou

despercebido ao espirito do D. João VI, despeito do seu bisonhismo intelectual, de tal sorte que o gesto cavalheiresco e destemeroso de D. Pedro, na terra paulistana, foi apenas o epílogo solene de todo um conjunto de circunstâncias imperiosas que, mais cedo ou mais tarde, com ou sem o Príncipe, arrancariam o Brasil ao domínio do glorioso Portugal.

O futuro está provando, de sobejo, que tínhamos o direito de exigir uma sede no concerto das nações.

Mantemos há 117 anos, e há 117 anos abrilhantamos, a posição conquistada, cada dia mais inteirados de que fora profeta Vitor Hugo, quando lançou as estrofes coruscantes da sua Saudação à pátria do «Neto de Marco Aurélio», avançando:

...Vous serez l'Europe après demain

E, hoje, ufanos, sem egolatrias nem abstrações prejudiciais, podemos proclamar em altissonante clangor, que o Brasil, integrado na comunhão das potências, faz-se respeitar, mercê, não apenas de seus inesgotaveis tesouros naturais, de suas incalculaveis reservas materiais, mas, sobretudo, pelo potencial de suas forças armadas — sentinelas avançadas de sua integridade—, por seu espírito profundamente liberal e civilizador, por sua política internacional vasada nos mais sadios dogmas do Direito e da Justiça, expressões quo consubstanciam toda a perfeição da Humanidade, e que sempre foram as normas em que se plasmaram as diretrizes nacionais.

Minhas senhoras.

Em homenagem a vós, em homenagem à graça que de vós irradia, dando a este ambiente de cordialidade o matiz singular do vosso encanto e da vossa fidalguia, é-me grato lembrar, nesta áurea data que celebramos— a maior do nosso Calendário cívico—três figuras femininas, marcantes no movimento da Independência, não só na fase preparatória, como nos dias subsequentes à consolidação do regime.

De logo avulta, dando relevo ao panorama, o tipo ideal de soberana, esposa e mãe, que ilustraria

qualquer trono e dignificaria qualquer período social.

Refiro-me, e sei que os vossos dotes culturais já mo diriam se porventura o calasse, ao nome de D. Leopoldina de Habsburgo, a flor mais viçosa da árvore genealógica, secular, da dinastia d'Áustria.

Culta, sem exibicionismos, versejando com a mesma facilidade no idioma de Schiller como na lingua do Lácio, interpretando Beethoven com a mesma proficiência com que discorria sobre as leis de Copérnico, abrangendo, numa palavra, todos o conhecimentos do seu tempo, essa mulher, essa princesa, essa imperatriz foi a figura de maior projeção no cenário da Independência, advogando corajosamente os direitos postergados do Brasil, que adotara como pátria, antes pelo coração do que pelas nem sempre justificaveis razões de estado, e onde morreu por todos chorada e nunca de todos esquecida.

É-lhe igual em bravura e destemor essoutra brasileira que se chamou Madre Joana Angélica de Jesús, a heroina e martir da Baía, que à invasão da turba ignara, da soldadesca desenfreada, no Convento da Lapa, ofereceu a resistência do seu fragil corpo, e tombou com o peito varado pela baioneta, «com os olhos nos céus e um sorriso nos lábios».

E Maria Quitéria de Jesús Medeiros?

Indagai da História o que foram os rasgos da sua «audaciosa valentia na empresa temerária da foz do Paraguaçú» e nos combates leoninos dos campos de Pirajá.

Eu sei que não precisais de exemplos, senhoras minhas, para, se um dia a Pátria vos chamar a defendê-la, saberdes cumprir o vosso dever de brasileiras.

Senhores.

Nesta hora vibrante da nacionalidade, sejam os nossos votos, num esplêndido e eloquente *sursum corda*, pela paz e harmonia de todos os povos, e pela grandeza e prosperidade do Brasil!